

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

Filozofická fakulta

Katedra romanistiky – portugalská sekce

**O Impacto da Revolução Francesa e da presença das
tropas napoleónicas em Portugal**

**The Impact of the French Revolution and the Presence of
the Napoleonic Troops on Portugal**

Bakalářská práce

Autor: Ivana Stratilová

Vedoucí práce: Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.

Olomouc 2018

Čestné prohlášení:

Prohlašuji, že jsem tuto bakalářskou práci vypracovala samostatně pod odborným vedením Mgr. Petry Svobodové, Ph.D. a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

V Olomouci, 15.05.2018

.....
podpis

Poděkování:

Mé poděkování patří Mgr. Petře Svobodové, Ph.D. za odborné vedení, cenné rady, trpělivost a ochotu, kterou mi v průběhu zpracování bakalářské práce věnovala.

Dále bych ráda poděkovala všem vyučujícím na portugalské filologii, díky kterým se studium jazyka a kultury lusofonních zemí stalo vášní a mou součástí.

A v neposlední řadě mé poděkování patří celé mé rodině, která mi poskytovala nekonečnou podporu a pochopení nejen při psaní této práce, ale v průběhu celého mého studia.

Índice

Introdução	6
1 Revolução Francesa (1789 – 1799)	8
1.1 Os eventos que levaram à Revolução Francesa e a situação na França antes da Revolução	8
1.2 A situação política na França durante a Revolução	9
1.2.1 A luta dos partidos políticos pelo poder	11
1.2.2 A radicalização da Revolução Francesa	11
1.2.3 O declínio da Revolução	12
1.3 A reação das potências europeias à Revolução Francesa.....	13
2 O impacto da Revolução Francesa em Portugal	15
2.1 A situação política em Portugal antes da Revolução Francesa	15
2.2 A situação em Portugal durante a Revolução Francesa	17
3 O fenómeno de Napoleão Bonaparte	19
3.1 O início da sua carreira	19
3.2 A via de Napoleão ao poder	19
3.2.1 O golpe de Estado de 18 de Brumário do ano VIII	20
3.3 Napoleão Bonaparte à testa da França	20
3.4 As Guerras Napoleónicas	21
3.4.1 As batalhas-chave	21
3.4.2 O Bloqueio Continental	22
4 A presença das tropas napoleónicas em Portugal	24
4.1 A declaração de guerra a Portugal de 1801	24
4.1.1 Guerra das Laranjas	24
4.2 Portugal em relação à Inglaterra	25
4.3 O efeito do Bloqueio Continental em Portugal	25
4.4 A Guerra Peninsular	26
4.4.1 Primeira invasão francesa de Portugal.....	27
4.4.2 Segunda invasão francesa de Portugal.....	29
4.4.3 Terceira invasão francesa de Portugal	30
4.4.4 O Fim da Guerra Peninsular	32
5 As consequências da Guerra Peninsular em Portugal.....	34
5.1 O impacto económico	34
5.2 O impacto político.....	34

5.2.1	O impacto na política colonial	35
5.2.2	O impacto na política interna.....	35
	Conclusão.....	37
	Resumo em checo	38
	Bibliografia	39
	Webgrafia.....	40
	Anotação em português	41
	Anotação em inglês.....	42

Introdução

A Revolução Francesa foi o acontecimento que teve uma grande influência na vida política, económica e social em toda a Europa e também no mundo. Podemos dizer que foi o momento chave da história moderna no nosso continente, que levou ao rompimento do feudalismo e do absolutismo que ainda vigoravam na Europa Ocidental no fim do século XVIII. A Revolução Francesa foi influenciada pelo Iluminismo, significando que os revolucionários franceses desejaram exercer o poder tal como o rei ou a Igreja. Por isso o objetivo principal da revolução foi declarar a constituição e tornar a França numa república, o que foi algo novo e inimaginável na Europa. A instabilidade política na França possibilitou que um comandante militar, conhecido como Napoleão Bonaparte, assumiu o poder na França. Ele mudou a Europa politicamente e influenciou a história de maioria dos países europeus.

Os dois acontecimentos, ou seja Revolução Francesa e ditadura de Napoleão Bonaparte, refletiram-se também em Portugal.

Assim, podemos perguntar qual foi o impacto da Revolução Francesa em Portugal, que no fim do século XVIII ainda era um país absolutista e sem nenhuma grande tendência de mudar o sistema político do país. E podemos perguntar também se Napoleão Bonaparte e a presença das tropas francesas tiveram tão grande impacto em Portugal como em outros países europeus. São precisamente estas perguntas às quais vamos tentar encontrar respostas neste trabalho.

Tentaremos esclarecer quais acontecimentos levaram à Revolução Francesa e qual era a situação política naquela época na França. Dividiremos a revolução em 3 fases principais e mencionaremos que a revolução levou à primeira república na Europa no fim do século XVIII. Não esqueceremos mencionar como reagiram as potências europeias à revolução.

A seguir, falaremos da situação política em Portugal antes, durante e depois da Revolução Francesa. Além disso, mencionaremos se a Revolução Francesa teve o impacto em Portugal e como o influenciou. Além disso, prestaremos atenção ao fenómeno de Napoleão Bonaparte e como assumiu o poder na França. Interessaremos-nos, também, nas Guerras Napoleónicas, incluindo as batalhas-chave e o bloqueio continental.

Depois, concentraremos a nossa atenção na presença das tropas napoleónicas em Portugal, destacando a declaração da guerra a Portugal que teve uma influência importante em Portugal. Falaremos da relação entre Portugal e a Inglaterra e também qual foi o efeito do bloqueio continental em Portugal, que foi dependente economicamente da Inglaterra.

Interessaremos-nos especialmente pela guerra peninsular e três invasões francesas e como decorreram na Península Ibérica e no território português, porque essa guerra influenciou muito a história portuguesa e por isso merece uma grande atenção no nosso trabalho.

Finalmente, ligando todas as informações, resumiremos as consequências político-económicas da guerra peninsular em Portugal e como influenciou este acontecimento a história de Portugal no século XIX.

1 Revolução Francesa (1789 – 1799)

1.1 Os eventos que levaram à Revolução Francesa e a situação na França antes da Revolução

O século XVIII na França foi influenciado pelo Iluminismo – um movimento cultural da elite intelectual que representou uma grande mudança do pensamento europeu. Nele o papel principal é desempenhado pela razão, pelo direito, pela educação e pela ênfase no ser humano como tal. Na segunda metade do século XVIII, o Iluminismo foi um dos impulsos para a Revolução Francesa porque os habitantes franceses estiveram descontentes com o sistema absolutista¹ representado pelo monarca Luís XVI que governou desde 1774.

Os revolucionários franceses também foram influenciados pela guerra revolucionária que decorreu no continente americano, onde se travou, no ano de 1776, uma luta pela independência das colônias contra o Reino da Grã-Bretanha. Esta luta terminou com a vitória das colônias que declararam a sua independência como os Estados Unidos da América. Este evento foi importante porque os colonos mostraram que era possível lutar contra a monarquia e o poder de rei. Ademais, os franceses sustentaram financeiramente os colonos nesta luta o que ainda aprofundou mais a crise económica do país.² Na França havia muita gente que sofreu da pobreza porque só a família real, os nobres ou os funcionários com a posição alta tiveram o dinheiro. Os revolucionários portanto levantaram-se contra a tirania do rei absolutista Luís XVI que não era capaz de cumprir as promessas de melhorar a situação do povo e de diminuir o impacto da crise económica. Por exemplo, uma das suas promessas políticas para melhorar a situação foi que ele concordou que o Terceiro Estado³ podia ter o mesmo número dos membros como os dois estados - do clero e da nobreza - mas decidiu que se votaria segundo os estados e não segundo o número dos membros. Isto significou que a situação para o Terceiro

¹ O absolutismo marca a forma do poder e significa que o monarca tem o poder independente de outro órgão. Quer dizer, todos os poderes do estado concentram-se nas mãos do soberano. Ademais, é importante mencionar que o termo e o período da *monarquia absolutista* nasce com o reinado de Luís XIV de França na segunda metade do século XVII e este período terminou com a Revolução Francesa.

² Marc Ferro, *Dějiny Francie* (Praha: Lidové noviny, 2006), p. 156.

³ O Primeiro Estado foi constituído pelo clero e o Segundo Estado foi constituído pelo rei, sua família, condes e outros nobres que viviam em luxo na corte. O Terceiro Estado foi constituído pelas pessoas que não pertenceram aos dois primeiros estados e por isso este estado foi socialmente muito diverso. Os membros foram cortesãos, artesãos, camponeses e burguesia. Os três estados formaram na França a Assembleia dos Estados Gerais que funcionou como um corpo de aconselhamento do rei mas não teve real poder. Os Estados Gerais foram convocados pelo rei.

Estado não mudou, ou seja, eles não tiveram a possibilidade de vencer por voto o Primeiro e o Segundo Estado e por isso os membros do Terceiro Estado sentiram-se enganados. O Terceiro Estado proclamou-se no dia 17 de junho de 1789 primeiro a Assembleia Nacional para criarem a constituição. Depois do dia 9 de julho de 1789 esta Assembleia Nacional era conhecida como a Assembleia Nacional Constituinte Francesa.

O descontentamento com o reinado do rei culminou com a tomada da Bastilha⁴ no dia 14 de julho de 1789. Este ato considera-se como o início da Revolução Francesa.⁵

1.2 A situação política na França durante a Revolução

Como já foi mencionado, o Terceiro Estado autoproclamou-se a Assembleia Nacional Constituinte e em agosto do ano de 1789 aboliu o feudalismo. Essa abolição tinha uma dimensão social e política porque os sinais de privilégio das classes superiores desapareceram. Ademais, a igualdade perante a lei foi garantida.

A Assembleia Nacional Constituinte Francesa queria como o objetivo principal dar a constituição para os franceses. Contudo, os deputados concordaram que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, aprovada em 26 de agosto de 1789, podia anteceder à Constituição. Os deputados inspiraram-se nos Estados Unidos onde a Carta dos Direitos – conhecida como *Bill of Rights* – antecedeu a Constituição do ano de 1778.

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão francesa garantiu a liberdade e a igualdade dos homens perante a lei e a justiça, a presunção de inocência, a liberdade de opinião, e muitos outros, 17 artigos no total.⁶ Era pela primeira vez que o povo teve tanto poder e portanto pôde resistir ao governo. Esta Declaração não só era importante para os franceses mas também para outros estados que se inspiraram neste documento mais tarde.

Como o povo teve a possibilidade de mudar a situação na França, ele obrigou o rei Luís XVI a trasladar-se de Versalhes a Paris no outubro de 1789, para estar mais acessível ao povo parisiense. Obviamente, o rei está descontente com a situação na França, preparando a fuga a Áustria no dia 21 de junho de 1791, com a sua esposa. Contudo, ele é reconhecido na fronteira em Varennes e tem de voltar a Paris onde é protegido pela Guarda Nacional,

⁴ A Bastilha era a prisão dos prisioneiros políticos e assim era o símbolo do antigo regime. Apesar de naquele momento não haver lá nenhum prisioneiro político e só sete condenados serem libertos, os revolucionários atacaram-na porque quiseram os canhões e a pólvora, que foram armazenados lá, para as armas que eles roubaram dos Inválidos (o antigo hospital onde se armazenaram as armas).

⁵ Marc Ferro, *Dějiny Francie*, op. cit., p. 158.

⁶ https://www.senat.fr/lng/pt/declaration_droits_homme.html, acesso em 1.3.2018.

comandada por La Fayette. Como o povo está revoltado com a tentativa da fuga do rei e também insatisfeito com os grupos políticos, sobretudo com o Clube Jacobino, os cidadãos querem a demissão do rei.⁷

Em 14 de setembro de 1791 foi proclamada a primeira Constituição francesa que foi aprovada pelo rei e por isso a França tornou-se uma monarquia constitucional. O poder político foi dividido entre o poder Executivo (representado pelo rei), Legislativo (representado pela Assembleia Nacional) e o poder Judiciário. Além disso, esta Constituição aboliu definitivamente o feudalismo e nacionalizou os bens da Igreja.

Como acima mencionado, havia na França naquela época muitos grupos políticos dos quais são mais importantes e conhecidos o Clube dos Jacobinos, dos Feuillants que se separaram dos Jacobinos, dos Cordeliers e dos Brissotos (Girondinos mais tarde). Os membros destes grupos atuaram na Assembleia Nacional e concorreram pelo poder.

Entretanto fora das fronteiras na Áustria, os emigrantes liderados pelo conde de Artois, que era o irmão de Luís XVI, quiseram sanções dos revolucionários e também quiseram que Luís XVI voltasse a ser o rei absolutista. Porém, os franceses não quiseram o antigo regime de novo e por isso a Assembleia Nacional declarou a guerra a Áustria em 20 de abril de 1792. Mais tarde a Prússia, a Inglaterra e a Espanha uniram-se à Áustria, criando a primeira coligação contra a França, em junho de 1792.⁸

Pouco depois do início da guerra, o exército francês foi vencido pelos exércitos da Áustria e da Prússia. Graças a esta vitória os soldados dirigiram-se a Paris. No dia 11 de julho de 1792 a Assembleia Nacional lançou o enunciado que a pátria estava em perigo – “*La patrie en danger!*”⁹ Todos os membros da Guarda Nacional foram chamados para luta junto com os voluntários.

Em agosto no mesmo ano as tropas prussianas aproximaram-se de Paris e por isso os franceses tiveram de atuar. Eles atacaram no dia 10 de agosto o palácio onde morava o rei. Contudo, o rei escondeu-se no picadeiro do palácio onde naquele momento a Assembleia Nacional reunia-se e assim ela protegeu o rei perante os franceses violentos. Porém, o rei e toda a sua família foram presos na Torre do Templo, o que significou o fim da monarquia na França.

Em vez do rei, na França começou a governar a Convenção Nacional substituindo a Assembleia Nacional que foi dissolvida. Os membros da Convenção foram eleitos pelo

⁷ Marc Ferro, *Dějiny Francie*, op. cit., p. 160.

⁸ Michael Rapport, *Evropa devatenáctého století* (Praha: Nakladatelství Vyšehrad, 2011), p. 27.

⁹ Daniela Tinková, *Francoúzká revoluce* (Praha: Triton, 2008), p. 122.

sufrágio universal masculino, quer dizer, só os homens podiam votar. Ademais, esta Convenção representava o poder legislativo e executivo. Aqui encontramos-nos pela primeira vez com o parlamento mais democrático na Europa e em todo o mundo. A Convenção Nacional proclamou, em 21 de setembro de 1792, a República na França.

O poder da Convenção culminou no fim do ano de 1792, quando ela decidiu que o rei ia aparecer perante o tribunal por alta traição. A diferença de um voto levou ao fato que, no dia 21 de janeiro em 1793, o rei foi executado em público pela guilhotina. A sua esposa Maria Antonieta seguiu-o em 16 de outubro do mesmo ano.

1.2.1 A luta dos partidos políticos pelo poder

Como já mencionado, na França governava a Convenção Nacional que foi constituída por vários grupos políticos. Os grupos mais fortes eram os jacobinos – os defensores da República – e os girondinos – eles queriam negociar com a monarquia. Estes dois grupos lutaram entre si sobre o poder.

O evento decisivo para a divisão do poder na Convenção foi a perda dos franceses na batalha em Neerwinden em março de 1793 contra a Áustria. As tropas francesas foram atacadas em todas as frentes. Por este motivo a França necessitou as tropas novas e por isso a Convenção ordenou o recrutamento de 300 000 homens. Contudo, este ato provocou grandes distúrbios nas cidades, como por exemplo em Vendeia. A França também teve de enfrentar a escassez de alimentos. Todos esses problemas dirigiram à sublevação em 2 de junho de 1793 contra os girondinos. Os girondinos foram culpados da crise na França e por isso os jacobinos começaram a dominar a Convenção. Este ato não significou só a queda dos girondinos mas também o início da ditadura dos jacobinos.¹⁰

1.2.2 A radicalização da Revolução Francesa

O objetivo principal da Revolução Francesa foi livrar-se do poder absolutista e também impor as necessidades do povo, tudo isto os franceses conseguiram. Contudo, a situação na França mudou-se para o pior depois de os jacobinos terem tomado o poder. O governo dos jacobinos é conhecido como uma ditadura e o período, desde junho de 1793 até julho de 1794, é chamado “Reino de Terror”.

¹⁰ Daniela Tinková, *Francouzská revoluce*, op. cit., p. 166.

Por um lado, é importante mencionar que os jacobinos introduziram as reformas novas. Eles criaram impostos sobre os ricos, regulamentaram salários, abriram escolas públicas porque queriam educação para todos, promoveram a reforma agrária. Ademais, o casal podia divorciar-se e a liberdade religiosa foi instituída. Os jacobinos aboliram a escravidão na França e nas colônias francesas depois de sublevação no Haiti no ano 1794 mas Napoleão Bonaparte restabeleceu-a no ano 1802¹¹. Por causa de todas estas reformas o governo foi bastante popular de início.

Por outro lado, no início desta ditadura foram perseguidos, presos e executados muitos girondinos e também os inimigos da Revolução, por exemplo Maximilien Robespierre, que era um dos líderes do clube dos jacobinos, deixou executar os amigos pessoais dele, significando que foram adotados procedimentos antidemocráticos. Os jacobinos fundaram um forte governo central, centralizaram o poder e também fundaram novos comitês . O mais importante foi o Comitê de Salvação Pública com Robespierre à testa. Este comitê comandava os exércitos e administrava as finanças públicas da França e conduzia a política do terror na França durante a Revolução. As leis e a política deste Comitê causaram, no processo de descristianização, o encerramento das igrejas na França. Além disso, introduziram um calendário revolucionário¹² civil que era diferente do calendário gregoriano porque este simbolizava o cristianismo e o antigo regime.

Os oponentes na Convenção juntaram-se finalmente e Robespierre com os seus aliados foram executados na guilhotina em julho de 1794. Este ato é conhecido como o golpe de 9 Termidor (27 julho de 1794) que terminou o Terror.¹³

1.2.3 O declínio da Revolução

Depois do golpe de 9 Termidor, criou-se um novo órgão de governo, o Diretório, que começou a governar na França. O período do governo do Diretório demorou de outubro de 1795 até o golpe de Estado no dia 18 de Brumário do ano VIII (novembro de 1799). O poder executivo era desempenhado por cinco membros do Diretório que se chamaram Diretores e foram eleitos por cinco anos. Eles rezearam que o governo do povo, ou seja, a democracia voltasse e por isso aprovaram a Constituição do ano III (1795).

¹¹ <https://zpravy.aktualne.cz/zahranici/fakta-zruseni-otroctvi-v-jednotlivych-zemich/r~i:article:491522/>, acesso em 21.3.2017.

¹² O início data-se em 22 de setembro de 1792, cada ano teve 12 meses e cada mês 30 dias, divididos em semanas de 10 dias.

¹³ Michael Rapport, *Evropa devatenáctého století*, op. cit, p. 33.

Essa Constituição nova mudou a forma eleitoral, quer dizer, o sufrágio censitário começou a funcionar outra vez – o direito eleitoral foi desigual e por isso só os habitantes mais ricos podiam votar. No sufrágio censitário os votantes elegeram duas câmaras legislativas. A primeira delas chamou-se o Conselho dos Quinhentos e a segunda era o Conselho dos Anciões.¹⁴ Aqui formou-se o sistema político conhecido hoje em dia, concretamente a divisão do poder legislativo entre a Câmara e o Senado.

Contudo, a época do governo do Diretório não era tão próspera como os habitantes e políticos tinham imaginado porque era um tempo de corrupção, pobreza, violência e instabilidade geral. Além disso, passo a passo as instituições que puderam possibilitar a ascensão do povo ao poder foram sufocadas.¹⁵

É preciso mencionar que nessa época o papel muito importante tiveram os comandantes militares que perseguiram os inimigos do estado como eram os monarquistas ou jacobinos. Um dos comandantes mais importantes e conhecidos foi o general francês Napoleão Bonaparte. O seu golpe, conhecido como 18 de Brumário (9 de novembro de 1799), significou o fim da Revolução Francesa e o início da era napoleónica na França.

Resumindo, a Revolução Francesa significou um grande passo para frente na história não só na França mas em toda a Europa absolutista, porque causou o fim do absolutismo e dos privilégios da nobreza. Ela unificou a política e a economia na França. Além disso, a Revolução tornou-se o modelo para outros países, assim como o sistema político – a república.

1.3 A reação das potências europeias à Revolução Francesa

Por um lado, vários políticos e intelectuais europeus reagiram no ano de 1789 à Revolução Francesa positivamente, aceitando a notícia sobre a queda do absolutismo com entusiasmo. Na Itália, a Revolução inspirou os reformistas para tentarem impor várias reformas políticas, mas em vão. Os defensores britânicos da reforma parlamentar acolheram a Revolução e perceberam-na como algo semelhante à revolução deles dos anos 1688 – 1689. Contudo, apareceram também aqueles que não a aceitaram e que a criticaram.

¹⁴ O Conselho dos Quinhentos foi a câmara baixa do parlamento francês e o Conselho dos Anciões foi a câmara alta. Os membros do Conselho dos Anciões podiam vetar o que aprovaram os deputados e também elegeram os cinco membros do Diretório. Depois de Napoleão Bonaparte ter chegado ao poder o Conselho dos Anciões mudou-se no Senado Conservador, por isso o Conselho dos Quinhentos foi dissolvido.

¹⁵ José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal* (Parede: Tribuna, 2011), p. 29.

Por outro lado, as reações da nobreza europeia à Revolução na França foram negativas. A reação mais brutal a esta situação veio da Rússia onde a imperatriz Catarina II executou as pessoas que simpatizaram com a Revolução. Catarina II era uma grande oponente da Revolução Francesa e considerou-a como uma intervenção ilícita contra o monarca e o regime legítimo.¹⁶ Os emigrantes franceses que viviam fora da França queriam sanções dos revolucionários e também queriam que Luís XVI fosse o rei absolutista de novo. A Declaração de Pillnitz de agosto de 1791, firmada por Leopoldo II, que foi o imperador da Áustria e também o irmão da rainha francesa Maria Antonieta, e pelo rei da Prússia Frederico Guilherme II, demandou a conservação da monarquia e a segurança para o rei e a rainha da França. Caso contrário, eles ameaçaram que atacariam a França revolucionária.

Os revolucionários franceses, porém, compreenderam-no como uma interferência nos assuntos internos do país independente, e por isso a Assembleia Nacional declarou a guerra à Áustria, a 20 de abril de 1792. A Prússia entrou na guerra em maio.¹⁷ Depois de os franceses terem vencido a Áustria e a Prússia em 1792¹⁸, eles penetraram na Alemanha e conquistaram os territórios a oeste do Reno, chegando à Bélgica. Este último passo levou ao conflito direto da França com a Inglaterra, que teve medo do poder francês militar na costa marítima, e também com os Países Baixos, porque os franceses queriam o território deles. A França declarou a guerra a estes dois países no dia 1 de fevereiro de 1793. No verão, a França já lutou com a Áustria, Prússia, Península Itálica, Espanha, o Reino de Nápoles e Portugal. Todos estes países juntaram-se na primeira coligação.¹⁹

¹⁶ Michael Rapport, *Evropa devatenáctého století*, op. cit., pp. 43-44.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 27.

¹⁸ A Batalha de Valmy – a primeira vitória militar das tropas francesas revolucionárias.

¹⁹ Daniela Tinková, *Francouzská revoluce*, op. cit., p. 166.

2 O impacto da Revolução Francesa em Portugal

2.1 A situação política em Portugal antes da Revolução Francesa

Enquanto na França os habitantes decidiram lutar contra o absolutismo do rei Luís XVI mediante a Revolução Francesa,²⁰ em Portugal a situação era totalmente diferente.

Na segunda metade do século XVIII, os portugueses tiveram de superar problemas políticos internos que foram causados pelo governo iluminista de Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal.²¹

A situação política em Portugal caracterizou-se pelo poder do absolutismo, manifestado pelo desaparecimento das Cortes, que foram convocadas pela última vez em 1698. O absolutismo teve um apogeu durante o governo de Pombal que representou o despotismo esclarecido²² em Portugal no século XVIII.²³

Pombal é também conhecido pelas suas reformas. Ele cancelou a ordem dos jesuítas e também perseguiu e expulsou membros desta ordem. Porém, nem todas as reformas pombalinas foram más. Na educação foi construída uma rede de escolas estatais, as ciências floresceram – na universidade de Coimbra começou a ensinar-se física, química e matemática. Além disso, a situação económica melhorou por causa da fundação de manufacturas. O que é importante é que Pombal aboliu escravatura no ano de 1773 em Portugal, quer dizer, em Portugal a escravatura foi abolida mais cedo em comparação com a França onde a escravatura foi abolida durante a Revolução no ano de 1794.²⁴

Depois da morte do rei D. José I de 1777, sucedeu-o a sua filha D. Maria I., entrando em conflitos com Pombal desde que ela era a princesa. Ela não concordava com a política do seu pai e do primeiro-ministro, sobretudo com a posição má da Igreja, porque ela era muito religiosa.

Sob o reinado efectivo de D. Maria I (1777 – 1816) o país florescia. Com a sua ascensão ao trono acabou o absolutismo iluminado de Pombal em Portugal e os portugueses

²⁰ Podemos dizer que aqui aparece o primeiro sinal da democracia naquela Europa.

²¹ Ele foi o primeiro-ministro durante o reinado de D. José I e uma grande personalidade depois do terramoto destrutivo em Lisboa, ocorrido em 1 de novembro de 1755. O seu poder cresceu depois de ter conseguido acalmar o pânico dos cidadãos e ter renovado a cidade.

²² A forma do governo do monarca que, apesar de reinar de forma absoluta, implementou reformas político-económicas baseadas nas ideias iluministas.

²³ Albert Silbert, *Do Portugal de antigo regime ao Portugal oitocentista* (Lisboa: Livros Horizonte, 1981), p. 47.

²⁴ Simona Binková, *Portugalsko*, op. cit., pp. 62-63.

voltaram ao tipo anterior da monarquia, que foi o absolutismo. Os presos políticos da era de Pombal foram liberados, a rainha cancelou a maioria das reformas pombalinas e Pombal foi exilado à sua quinta no campo.²⁵

Ela esforçou-se por reconciliar-se com a Igreja católica, abolindo as leis que constrangeram o papel do clero e pagando a reparação aos jesuítas. A rainha continuou a construir manufacturas. Construiu portos, canais.²⁶ Além disso, melhorou a infraestrutura, por exemplo, foram construídas as estradas que ligam Lisboa, Coimbra e o Porto. Ademais, a ciência e arte floresceram. Nasceram duas instituições, a Academia Real das Ciências e a Casa Pia de Lisboa, que funcionam até hoje. O palácio de Queluz, Teatro de São Carlos em Lisboa e a Basílica de Estrela foram construídos.²⁷ A economia portuguesa melhorou também. Os portugueses negociaram com a Rússia, intercambiando o vinho do Porto e o açúcar e o tabaco do Brasil pelo trigo e pelos materiais para construção dos navios da Rússia.²⁸

D. Maria I modificou a política externa do país. Enquanto Pombal preferia a aliança clara com a Grã-Bretanha, ela preferia uma diplomacia de compromisso com a Inglaterra, a França e a Espanha. É importante mencionar que, ao contrário da França, os portugueses não participaram na luta pela independência na Guerra Revolucionária Americana (1775-1783), aproveitando-se e a economia portuguesa da rivalidade marítima anglo-francesa. Como o comércio inglês no Atlântico enfraqueceu, os portugueses tiveram lá os maiores proveitos. Ademais, os comerciantes portugueses profitarão da exportação à Inglaterra, especialmente do vinho. A exportação portuguesa excedeu a importação da Inglaterra.²⁹

Mas o acontecimento que mudou a situação próspera em Portugal foi, em 1788, a morte inesperada do filho da rainha, D. José. Ele era o herdeiro do trono e foi apoiado pelos *afrancesados*, os portugueses educados na França e os liberais apoiados pelos diplomatas franceses. A morte do filho de D. Maria I aprofundou depressão dela e ela caiu em estado de loucura no início de 1792. Mas ela governou oficialmente sem regente até 1799, quando ela assinou os documentos que ia governar o Príncipe Regente, D. João.³⁰

²⁵ Idem, *ibidem*, p. 65.

²⁶ Josef Polišíenský, Ivo Barteček, *Dějiny Iberského poloostrova* (Olomouc: Univerzita Palackého v Olomouci, 2002), p. 111.

²⁷ José Hermano Saraiva, *História de Portugal*. Vol. III (Lisboa: Publicações Alfa, 1983), p. 116.

²⁸ Josef Polišíenský, Ivo Barteček, *Dějiny Iberského poloostrova*, op. cit., p. 111.

²⁹ José Hermano Saraiva, *História concisa de Portugal*. 24.^a edição (Lisboa: Publicações Europa-América, 2007), p. 261.

³⁰ Isabel Ferreira da Mota, *D. Maria I* (Matosinhos: QuidNovi, 2009), p. 90.

2.2 A situação em Portugal durante a Revolução Francesa

Assim desde o ano de 1792 até 1799, D. João³¹, sem o título de Regente, dirigiu os negócios públicos no clima de tensão política e militar na Europa.

Em Portugal atuaram na primeira parte os chamados *afrancesados*, e na segunda parte o grupo contrafrancês liderado pela esposa do futuro Rei D. João VI Carlota Joaquina.³²

A situação política em Portugal mudou em reação à Revolução Francesa. Os portugueses aceitaram negativamente as mudanças revolucionárias. A elite portuguesa não se identificou com os eventos na França e imediatamente depois do início da Revolução Francesa, o novo ministro de polícia, Diogo Ignácio de Pina Manique, começou a perseguir *os francesados*. Ele queria parar o desenvolvimento da burguesia. Todos que simpatizaram com a Revolução, chamados de *jacobinos*, que eram de facto os iluministas, encontraram-se no *índice*.³³

Enquanto, as monarquias europeias tentaram resolver a situação política na Europa depois de ter estalado a Revolução na França, os portugueses, na primeira fase da Revolução (1789-1792), não desejaram envolver-se no conflito com a França revolucionária, ou seja, eles queriam ficar fora do conflito e também pensavam só sobre a defesa deles próprios.³⁴ Contudo graças a dependência política da Inglaterra, eles envolveram-se na segunda fase (1792-1795), que caracteriza o estabelecimento das coligações da Europa contra a França. Como já foi mencionado, Portugal tomou parte na primeira coligação, em 1793, fechando o tratado de apoio internacional com a Espanha em junho de 1793 e em setembro com a Inglaterra. Os portugueses aliaram-se a estes países para não serem atacados pela França nem na terra nem no mar, desejando proteger o seu comércio marítimo pelas duas forças navais, pois a Inglaterra e a Espanha dominaram no mar. Contudo, eles tiveram de participar nesta luta contra a França revolucionária porque queriam manter as boas relações internacionais com a Espanha³⁵ e por isso as tropas portuguesas, em setembro de 1793, juntaram-se com as tropas espanholas para

³¹ Ele governou como o regente desde 1799 até a morte de D. Maria I em 1816. Depois como D. João VI, o rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

³² Jan Klíma, *Dějiny Portugalska* (Praha: Lidové Noviny, 2007), p. 233

³³ Josef Polišínský, Ivo Barteček, *Dějiny Iberského poloostrova*, op. cit., p. 111.

³⁴ Simona Binková, *Portugalsko* (Praha: Libri, 2004), p. 65.

³⁵ A mãe da rainha portuguesa, Maria I, foi a filha do rei espanhol Filipe V. Carlos IV de Espanha foi o sogro de João V, o filho de Maria I, e a irmã de João V casou-se com o infante espanhol.

lutarem contra os franceses no sul da França na Campanha do Rossilhão³⁶, quando o exército português, junto com o exército espanhol partiu à sul da França para lutar contra o exército republicano francês.³⁷ Contudo, todos os encontros acabaram com a derrota das tropas portuguesas e espanholas.

Espanha, desde o início do ano 1795, negociava a paz separada com a França. A 22 de julho de 1795, sem que os portugueses o soubessem, a Espanha fechou com a França o Tratado de Basileia, significando a Espanha tinha o novo aliado e Portugal sentiu-se em perigo porque essas negociações previram uma invasão em Portugal. O Tratado de Basileia liderou a Espanha junto com a França à guerra contra a Grã-Bretanha.³⁸ Ao contrário, por causa da derrota de Portugal na Campanha do Rossilhão, os portugueses tiveram de pagar à França indemnizações, não podiam auxiliar militarmente a Inglaterra e seis navios franceses ficaram em Portugal. Manuel Godoy, o primeiro-ministro na Espanha, queria aproveitar Portugal como o meio de ferir a Inglaterra.³⁹ Contudo, Portugal decidiu não se unir à aliança franco-espanhola, mas decidiu ficar na velha aliança de amizade com a Inglaterra. Portugal, porém, não tinha muitas razões para se sentir aliado da Grã-Bretanha, porque, em junho de 1797, miles de soldados ingleses desembarcaram em Lisboa e comportaram-se como se estivessem num país conquistado e não aliado.⁴⁰

Portugal tentava resolver a sua situação desfavorável. Os portugueses desejaram negociar a paz com a França mas todas as negociações diplomáticas não trouxeram nenhum resultado.⁴¹

Concluindo, como pudemos ver neste capítulo o impacto da Revolução Francesa em Portugal não foi direto. Porém, como veremos abaixo a Revolução Francesa refletiu-se na situação política em Portugal uns anos mais tarde.

³⁶ Durou até o fim de 1794.

³⁷ Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*. Vol. VI (Lisboa: Editorial Verbo, 1992), p. 310.

³⁸ Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, op. cit., p. 234.

³⁹ Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*. Vol. VI, op. cit., p. 323.

⁴⁰ Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, op. cit., p. 234.

⁴¹ A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal* (Lisboa: Edições Ágora, 1973), p. 575.

3 O fenómeno de Napoleão Bonaparte

3.1 O início da sua carreira

Napoleão Bonaparte, natural de Córsega, nascido em agosto de 1769, aderiu à Revolução Francesa em 1793 cooptado pelos *robepierristes* após o primeiro êxito militar quando repeliu os realistas de Toulon. Este ato valeu-lhe a promoção ao general de brigada. Como foi relacionado com o jacobinismo, esteve preso nos primeiros meses do Diretório.

O primeiro que confiou na capacidade de jovem Bonaparte foi Paul Barras, o presidente do Diretório na França. Barras lembrou-se das capacidades militares de Napoleão, salvou-o da prisão e chamou-o para esmagar um levantamento monárquico em Paris, em outubro de 1795. Napoleão venceu o levantamento com canhões. Outro quem reparou nas capacidades de Bonaparte era Lazare Carnot, o ministro da guerra, que lhe confiou o exército francês na Península Italiana. Ademais, no ano 1796, Napoleão foi mandado pelo Diretório à guerra com Áustria.⁴²

3.2 A via de Napoleão ao poder

Tudo começou quando ele foi o líder do exército francês. A sua popularidade cresceu depois de que ele com o seu exército tinham cruzado os Alpes para o território italiano no ano de 1796 para ele reagir à guerra declarada à França de Áustria no final do ano anterior. Os franceses mostraram à Europa que grande talento militar tinham. Ademais, mostraram que a política externa do Diretório era uma continuação do expansionismo bélico e ideológico da *Grande Nação* francesa.⁴³

Outro passo importante do Napoleão Bonaparte foi em maio de 1798 quando chegou ao Egito para romper o domínio inglês no Mediterrâneo. A ideia foi que graças ao Egito seria possível perigar as rotas da Inglaterra para a Índia e arruinar o comércio inimigo decorrido em grande parte com este país. Aqui foi importante o primeiro encontro de Napoleão com Horatio Nelson, o almirante inglês da Marinha Real Britânica, na Batalha do Nilo de 1 a 3 de agosto de 1798 onde Nelson, com o apoio dos marinheiros portugueses, derrotou a frota

⁴² José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 30.

⁴³ Marc Ferro, *Dějiny Francie*, op. cit., p. 178.

napoleónica. Apesar de Napoleão ter sido batido ele voltou à França como o herói.⁴⁴ Graças a isto nada obstou Napoleão realizar o golpe de estado.

3.2.1 O golpe de Estado de 18 de Brumário do ano VIII

Esse golpe ocorreu a 9 de novembro de 1799, mas segundo o calendário da Revolução Francesa é conhecido pela data de 18 de Brumário do ano VIII. Com esse golpe iniciou a era napoleónica na França.

Napoleão chegou do Egito no momento quando os cidadãos de Paris pediam um *salvador* para a Revolução. Bonaparte junto com o irmão dele, Luciano – o deputado no Conselho dos Quinhentos naquela época, fizeram o golpe. Depois do golpe de 18 de brumário começou na França o regime do Consulado. Esse foi um novo sistema de governo que era exercido por três cônsules. Os três cônsules foram Napoleão Bonaparte, Roger Ducos e Emmanuel Joseph Sieyès.

O golpe de Napoleão significou a penetração triunfante do exército à vida política e também a ditadura napoleónica na França.⁴⁵

3.3 Napoleão Bonaparte à testa da França

Como foi mencionado antes, depois do golpe na França governaram três cônsules. Napoleão Bonaparte proclamou-se o Primeiro cônsul.⁴⁶ Ele dispôs do poder executivo salvo o direito de proclamar a guerra ou assinar o tratado de paz; ele nomeou os ministros e os funcionários, pôde propor as leis. Ele eliminava os seus inimigos, implantando o terror. O seu comportamento recordou o período do governo dos jacobinos.

Em maio de 1804 coroou a obra legislativa com a aprovação do monumental Código Civil – uma compilação de todas as conquistas e alterações introduzidas pela Revolução na vida dos indivíduos e da sociedade, na França e não só, como base de todo o moderno estado de direito ocidental. “[...] o Código Civil napoleónico foi um primeiro esboço de uma espécie de “Constituição europeia”, ou de “directiva comunitária”, pela aplicabilidade que Bonaparte

⁴⁴ Marc Ferro, *Dějiny Francie*, op. cit., p. 179.

⁴⁵ José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 32.

⁴⁶ Foi o título usado por Napoleão depois de ter tomado o poder na França. Essa denominação não tinha nenhum significado especial, mas ele quis distinguir-se de outros dois cônsules.

dele fez a todos os territórios onde chegou a autoridade francesa. O Código Civil foi, aliás, sempre o seu maior orgulho eterno como nenhuma batalha o seria.”⁴⁷

Surgiram muitas tentativas de matar ou livrar-se de Napoleão. Todas essas tentativas dirigiram Bonaparte a proclamar-se o imperador hereditário. Napoleão Bonaparte foi coroado como o Imperador hereditário francês na Catedral de Notre-Dame de Paris, em 2 de dezembro de 1804 pelo Papa Pio VII. A coroação significou o fim do Consulado e da República.

Quando Napoleão foi coroado tomou a coroa das mãos do Papa e coroou-se a si mesmo.⁴⁸ Esse ato demonstra que a situação política na França tornou-se ao pior. O regime no país não foi democrático, que foi o objetivo desde o princípio da Revolução, mas a França tornou-se o país ditatorial sob o governo de Napoleão. Poderíamos comparar a situação na França depois da Revolução com a situação aí antes da Revolução – durante o reinado do rei absolutista Luís XVI. Os habitantes ainda não foram contentes.

3.4 As Guerras Napoleónicas

A relação do Império com a Europa foi de guerra praticamente contínua. As Guerras Napoleónicas foi uma série dos conflitos armados entre o Império Francês liderado pelo imperador Napoleão Bonaparte e as alianças de nações europeias desde 1803 até 1815. Os países europeus não concordaram com a situação política na França que se tornou o império. Toda a Europa apercebeu-se do seu despotismo, reagiu também contra as ideias liberais que foram semeadas por Napoleão, durante as suas campanhas militares. Além disso, Napoleão desejava expandir-se e submeter toda a Europa mas monarcas europeus quiseram manter a sua soberania e a monarquia, eles opuseram-se o despotismo e o liberalismo napoleónicos. O imperador Bonaparte tinha de enfrentar a nova terceira coligação formada de Grã-Bretanha, Rússia, Áustria e Suécia.

3.4.1 As batalhas-chave

Uma das batalhas-chave para Napoleão e para a situação na Europa foi a batalha de Trafalgar a 21 de outubro de 1805. Esta batalha ocorreu no mar ao largo do cabo Trafalgar no sul da Espanha. Nesta batalha lutaram no mesmo sítio a esquadra francesa com a espanhola

⁴⁷ José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 34.

⁴⁸ Jiří Kovařík, *Napoleon. I. část, Generál Bonaparte (1769-1804)* (Praha: Akcent, 2017), p. 476.

contra a esquadra do Reino Unido, comandada pelo vice-almirante Horatio Nelson.⁴⁹ Apesar de Nelson ter sido morto no fim da batalha, a esquadra britânica venceu as franco-espanholas e isto significou grande vitória para a Grã-Bretanha na última batalha no mar durante as Guerras Napoleónicas, ganhando o predomínio sobre o mar. Além disso, para Napoleão tornou-se impossível a invasão da Grã-Bretanha.⁵⁰ Esta derrota aprofundou a atitude odienta de Napoleão à Grã-Bretanha que levou mais tarde ao Bloqueio Continental.⁵¹

Outra guerra importante foi a guerra contra a terceira coligação quando os exércitos da Rússia, liderados por Alexandre I, e da Áustria, liderados por Francisco I, defrontaram-se com o exército de Napoleão na Batalha de Austerlitz⁵² em 2 de dezembro de 1805. Essa batalha significou não só uma grande vitória para o exército francês, mas também o grande triunfo político para Napoleão, significando que a terceira coligação extinguiu-se.⁵³ Além disso, teve a influência na ordenação dos países na Europa de então. Francisco I da Áustria teve de abdicar, o Sacro Império Romano-Germânico⁵⁴ dissolveu-se e dele formou-se a Confederação do Reno. Ademais, a Áustria foi obrigada a ceder Veneza e a Dalmácia ao Império francês, alargando os domínios da Itália, ditara o Tratado de Tilsitt de 1807, significando a Rússia e a Prússia também foram neutralizados e não lutaram novamente contra Napoleão.⁵⁵

Resumindo, essa grande vitória sobre as potências mais poderosas na Europa deu a Napoleão o sentimento da invencibilidade em terra. Ademais, ele desfez-se dos inimigos na Europa continental. Por causa de a terceira coligação ter-se dissolvido, o último inimigo que ainda ficou e poderia pôr em perigo Napoleão foi a Inglaterra. Por isso, ele focalizou na Grã-Bretanha e esforçou-se limitar o poder dela, implantando o Bloqueio Continental.

3.4.2 O Bloqueio Continental

O Bloqueio Continental significou a proibição do comércio com a Inglaterra e foi decretado por Napoleão a 21 de novembro de 1806. A sua intenção foi destruir hegemonia económica da Grã-Bretanha. Todos os países europeus e os barcos deles nem podiam negociar

⁴⁹ Eles já se encontraram no Egito onde venceu Nelson.

⁵⁰ José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 38.

⁵¹ Mencionado abaixo.

⁵² Conhecida também como a Batalha dos Três Imperadores.

⁵³ José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 39.

⁵⁴ O complexo de territórios na Europa Central que se desenvolveu durante a Alta Idade Média e continuou até a sua dissolução em 1806.

⁵⁵ José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 40.

nem podiam tocar em porto inglês, tampouco um navio inglês podia ser recebido nos portos europeus. Tudo isto era sob as ameaças de Bonaparte. As decisões do bloqueio foram alargadas pelo decreto de 17 de dezembro de 1806.⁵⁶ “O objectivo era fechar o continente europeu às produções, industriais e outras, remetidas pela Inglaterra e suscitar assim a desorganização deste país, cuja prosperidade assentava no envio, para diferentes regiões, [...]”.⁵⁷ Este ato de Bonaparte influenciou Portugal, que foi por muitos anos o companheiro comercial e o antigo aliado da Inglaterra. Além disso, a economia portuguesa foi dependente da Inglaterra.

⁵⁶ Jorge Borges de Macedo, *O Bloqueio Continental* (Lisboa: Gradiva, 1990), p. 38.

⁵⁷ Jorge Borges de Macedo, *O Bloqueio Continental*, op. cit., p. 38.

4 A presença das tropas napoleónicas em Portugal

4.1 A declaração de guerra a Portugal de 1801

Napoleão Bonaparte desejou que Portugal rompesse a sua aliança com a Inglaterra e fechasse os seus portos aos barcos ingleses. Mas os portugueses não o aceitaram porque a economia portuguesa estava dependente do mercado com a Inglaterra. Por isso Napoleão mandou em ano de 1801 um ultimato que obrigou Portugal a escolher entre a Inglaterra e a França. Porém, os portugueses não escolheram e tentaram negociar. Por causa disso, a Espanha e a França, como uma aliança, declararam guerra a Portugal.⁵⁸

4.1.1 Guerra das Laranjas

Foi a breve guerra militar entre a Espanha e Portugal no território português, demorando desde 20 de maio até 6 de junho de 1801. O nome de guerra provém dos ramos de laranjeira com frutos que os soldados espanhóis levaram à esposa do rei espanhol Carlos IV.

Napoleão não estava satisfeito com a atitude de Portugal que recusou aliar-se à França contra a Inglaterra. A França e a Espanha, porém, planearam que iam dividir o território português entre si. Por isso, Napoleão mandou Godoy com o exército espanhol para invadirem Portugal, levando à derrota de Portugal.⁵⁹ Em setembro de 1801 foi assinado a paz entre Lisboa, de um lado, Madrid e Paris, de outro lado. Essa paz obrigou Portugal fechar os portos a todos os navios ingleses, teve de pagar enormes reparações de guerra, entregou algumas terras ao norte do Brasil à França e também, teve de entregar à Espanha a cidade de Olivença.⁶⁰ Essa curta guerra não esteve sangrenta mas, sobretudo, serviu como a prova para a invasão das forças francesas lideradas por Jean-Andoche Junot em futuro, mostrando Portugal não foi tão forte como Napoleão pensava.⁶¹

⁵⁸ A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, op. cit., p. 575.

⁵⁹ José Hermano Saraiva, *História concisa de Portugal*, 24.^a edição, op. cit., pp. 265-266.

⁶⁰ O território de Olivença foi anexado em 1801 pela Espanha. Em 1817 depois do Congresso de Viena (1815) Espanha prometeu a devolução a Portugal, mas isto nunca aconteceu.

⁶¹ José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 78.

4.2 Portugal em relação à Inglaterra

Já no tratado de paz de 29 de setembro de 1801 marcava-se o fechamento dos portos em Portugal aos navios ingleses mas esta condição não teve efeito. Contudo, o decreto de 3 de junho de 1803, que foi declarado pela Corte de Lisboa, proibiu a estada dos navios e das potências em guerra nos portos portugueses, ou seja, pareceu que os portugueses tinham fechado os seus portos para os navios ingleses. Porém, o fechamento não aconteceu na realidade.

Em setembro de 1803, o general Jean Lannes, que foi o embaixador francês em Lisboa, demandou o fechamento dos portos portugueses aos navios ingleses na carta para o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Ademais, em agosto do mesmo ano Talleyrand declarou a lorde Yarmouth, delegado inglês, “[...] se a Grã-Bretanha não fizesse a paz marítima, o governo francês faria a guerra a Portugal.”⁶² Contudo, os portugueses entenderam isso só como as ameaças porque souberam que se a posição da França no mar não tiver sido superior à da Inglaterra, os franceses não poderiam pôr em perigo Portugal. Os portugueses, ainda tranquilizados com a vitória de Trafalgar, seguiram as suas navegações ao Atlântico Sul, à Grã-Bretanha e a regressar.⁶³

4.3 O efeito do Bloqueio Continental em Portugal

Apesar de o governo de Lisboa dever submeter-se à ordem de Napoleão e o seu Bloqueio Continental, era muito difícil para Portugal obedecer esta ordem porque os portugueses tiveram grandes ligações económicas com a Inglaterra. Entre estes dois países houve o trato segundo o qual Portugal exporta e importa mercadorias e matérias-primas da Grã-Bretanha e ao contrário.

Em 17 de julho de 1807 o Príncipe Regente D. João recebeu a advertência de Talleyrand que o Príncipe Regente fechasse definitivamente os portos aos ingleses.⁶⁴ Durante dois meses D. João teria de confiscar os bens e aprisionar os residentes ingleses em Portugal. Mesmo que Portugal tivesse fechado os portos para navios ingleses, o Príncipe Regente declarou o direito da residência para os ingleses em Portugal. Por isso, os habitantes ingleses podiam manobrar nos portos portugueses e também os ingleses podiam abandonar Portugal

⁶² Jorge Borges de Macedo, *O Bloqueio Continental*, op. cit., p. 41.

⁶³ Idem, *ibidem*, p. 42.

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 39.

quando quiseram e com os bens deles, significando a situação portuguesa não alterou em relação à Inglaterra.⁶⁵

Segundo os franceses foi necessário ocupar o território e os portos portugueses. Este ato significou a guerra a Portugal que deveria garantir a eficácia do Bloqueio segundo Napoleão. Pois, isto não foi só uma razão, outra razão importante para proclamar a guerra foi a posição estratégica naval de Portugal, ou seja, em Portugal havia os únicos portos europeus no Atlântico onde os navios ingleses podiam parar e reencher reservas durante as suas navegações marítimas. Além disso, através dos portos em Lisboa e no Porto levaram rotas marítimas ao Oceano Índico, ao Mar Mediterrâneo e até à América.⁶⁶

No dia 20 de outubro de 1807 foi emitida a ordem de mandar partir navios ingleses, pois, as tropas franco-espanholas estavam a mover à fronteira portuguesa, sete dias antes do Tratado de Fontainebleau, um pacto assinado em segredo pela França e Espanha no dia 27 de outubro de 1807. Este Tratado significou que Portugal continental dividia-se em três partes. A parte noroeste de Portugal, chamada o Reino da Lusitânia Setentrional, entre os rios Douro e Minho, incluindo Porto e Braga, deveria pertencer ao rei da Etrúria, Luís II. A segunda parte de Portugal, as províncias de Trás-os-Montes, Beira, Estremadura com a capital Lisboa, deveria pertencer à França. Finalmente, a terceira parte, o sul de Portugal – as regiões do Algarve e do Alentejo – pertenceria a Manuel Godoy. Esta divisão refletiu-se também na partilha das suas possessões ultramarinas.⁶⁷

4.4 A Guerra Peninsular

Napoleão não esteve contente com a desobediência da sua ordem de Portugal. Ele mandou a 11 de outubro de 1807 o general Jean-Andoche Junot a Portugal para o invadir, uma nova tentativa de fechar os portos portugueses às frotas britânicas.

O conflito da aliança da Grã-Bretanha e de Portugal contra a França e o seu aliado, Espanha, é conhecido como a Guerra Peninsular que foi um conflito militar. Este conflito ocorreu durante as Guerras Napoleónicas e demorou desde 1807 até 1814. A Guerra Peninsular refletiu-se em Portugal nas três invasões francesas.

⁶⁵ Jan Klíma, *Dějiny Portugalska*, op. cit., p. 237.

⁶⁶ Jorge Borges de Macedo, *O Bloqueio Continental*, op. cit., p. 39.

⁶⁷ Jiří Kovařík, *Napoleonova invaze: 1807-1810: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku I]* (Praha: Akcent, 2010), p. 23-24.

4.4.1 Primeira invasão francesa de Portugal

Para a guerra com Portugal foram formados três agrupamentos. O primeiro, criado por 28 mil dos soldados franceses e por 13 mil dos soldados espanhóis, deveria partir da província Leão para invadir Lisboa. O segundo agrupamento deveria marchar da Galiza, dirigindo-se ao Porto. Finalmente, o terceiro deveria marchar da Estremadura (na Espanha) diretamente à capital, cidade de Lisboa. Os dois deveriam só conter 16 mil dos soldados espanhóis. Além disso, na cidade francesa Bayonne deveriam reunir-se 40 mil dos soldados franceses para enfrentarem a invasão inglesa que não foi tão provável.⁶⁸ Como podemos ver, a invasão francesa foi bem preparada e muito otimista. Porém, como veremos abaixo a realidade foi totalmente diferente.

O exército francês esteve preparado em Bayonne e no dia 18 de outubro de 1807 entrou na Espanha. Eram 25 mil homens de infantaria e três mil de cavalaria, criando três divisões. Na Espanha juntaram-se a eles 8 mil homens de infantaria e outros três mil de cavalaria do exército espanhol.⁶⁹

As tropas franco-espanholas passaram a fronteira portuguesa a 20 de novembro de 1807 e após quatro dias atingiram Abrantes, a cidade na província do Ribatejo. Aqui as tropas francesas descansaram um tempo para poderem partir para a via de quase cem quilómetros a Lisboa. Além disso, o general Junot mandou a carta para o Príncipe Regente D. João, anotando pelo general Foy como: “Dentro de quatro dias estarei em Lisboa. Os meus soldados estão amargados por ainda não terem disparado o fuzil. Não force eles para o fazerem. Acho que seria uma culpa.”⁷⁰ Os portugueses não pensaram que pudessem enfrentar a invasão francesa. Por isso, em finais de novembro de 1807 a família real decidiu-se sair de Portugal. D. João desejou escapar aos invasores franceses, evitando ser destronado. Toda a família real junto com a corte portuguesa e cerca de 15 mil pessoas mudaram-se para o Brasil onde ficaram até 1821.

A 30 de novembro as tropas napoleónicas atingiram Lisboa, um dia depois de a família real ter partido de Portugal debaixo da proteção dos navios ingleses para o Brasil. A

⁶⁸ Jiří Kovařík, *Napoleonova invaze: 1807-1810: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku I]*, op. cit., p. 24.

⁶⁹ José Miguel Sardica. *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 100.

⁷⁰ Orig. “Do čtyř dnů budu v Lisabonu. Moji vojáci jsou roztrpčení, že dosud ani jednou nevypálili z pušky. Nenuťte je k tomu. Myslím, že by to byla chyba.”, Jiří Kovařík, *Napoleonova invaze: 1807-1810: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku I]*, op. cit., p. 34. trad. nossa.

tomada de Lisboa ocorreu sem um disparo e nenhuma resistência.⁷¹ D. João deixou na capital um Conselho de Regência de cinco membros e dois secretários para dirigirem o país na ausência dele. Contudo, Junot imediatamente dissolveu esse Conselho e começou a governar em Portugal como no país conquistado sob ocupação militar estrangeira. Miles dos soldados franceses e espanhóis começaram a confiscar, pilhar e roubar os bens dos portugueses porque não havia ninguém que pudesse resistir. Como Junot parcialmente dissolveu o exército português e o resto do exército foi mandado para lutar por Napoleão na França e em outras partes da Europa.

A 9 de maio de 1808 no Brasil, o Príncipe Regente D. João declarou inválidos todos os tratados entre Portugal e França que significou a declaração de guerra à França. Além disso, a amizade com o seu antigo aliado, a Inglaterra, começou outra vez.⁷²

É importante mencionar que em março de 1808 na Espanha, o rei Carlos IV foi obrigado a abdicar em nome de Napoleão que nomeou o seu irmão mais velho José Napoleão Bonaparte como o rei da Espanha. Este ato significou que a Espanha não tinha sido o aliado francês mais. Por causa disso, os espanhóis levantaram-se e lutaram contra as tropas francesas na Península Ibérica, aliando-se mais tarde com os portugueses.

Em junho de 1808 no Porto começou a resistência popular que organizou guerrilhas contra os invasores. A cabeça da resistência foi o bispo António de São José de Castro. No dia 24 de julho de 1808 desembarcou no Porto Sir Arthur Wellesley (o futuro Lord Wellington) com soldados ingleses. Wellesley foi informado pelo bispo António sobre a situação militar em Portugal e também sobre o exército francês em Lisboa. Os rebeldes portugueses acolheram o apoio dos ingleses e uniram-se às tropas inglesas na luta contra o exército francês que estava a ocupar Lisboa.⁷³

No início de agosto de 1808 os navios britânicos começaram a ancorar perto de Figueira da Foz. Os portugueses juntaram-se às tropas britânicas e junto marcharam em direção a Lisboa. As duas batalhas decisivas da primeira invasão francesa foram a Batalha da Roliça ocorrida a 17 de agosto de 1808 e a Batalha do Vimeiro no dia 21 de agosto de 1808. Na primeira batalha encontraram-se as tropas anglo-portuguesas comandadas por Wellesley e as tropas francesas. Aqui Wellesley derrotou os franceses e as forças inglesas atingiram

⁷¹ Jiří Kovařík, *Napoleonova invaze: 1807-1810: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku I]*, op. cit., pp. 34-37.

⁷² A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, op. cit., p. 578.

⁷³ Jiří Kovařík, *Napoleonova invaze: 1807-1810: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku I]*, op. cit., pp. 196-198.

autoconfiança e mostrou-se que o exército francês não tinha sido invencível. Na segunda batalha defrontaram-se as tropas anglo-portuguesas comandadas outra vez por Wellesley e as tropas francesas comandadas desta vez pelo general Junot. Esta batalha resultou em vitória para as tropas anglo-portuguesas, determinando o fim da primeira invasão francesa em Portugal. Depois das batalhas, em agosto de 1808, foi assinada a Convenção de Sintra significando a partida dos franceses de Portugal.⁷⁴

4.4.2 Segunda invasão francesa de Portugal

O período sem o conflito militar entre Portugal e a França durou apenas cinco meses. Durante este período em Portugal governou de novo o Conselho de Regência nomeado por D. João. Desde março de 1809 os portugueses sob o general inglês William Beresford prepararam a defesa contra um novo ataque das forças francesas, que era muito provável. Por causa de ter sido eleito como o marechal-de-campo no exército português, ele teve o poder em Portugal e governou no país praticamente até 1820.

A segunda invasão francesa começou em fevereiro de 1809. As tropas francesas foram comandadas pelo marechal Soult. Ele quis atravessar o rio Minho que cria a fronteira entre Galiza e o norte de Portugal. Contudo, aí estava situada a cidade fortificada, Valença, que não quis entregar-se. Por isso, Soult com as suas tropas teve de usar outra via para entrarem em Portugal. Finalmente, eles entraram em Portugal por Trás-os-Montes e conquistaram todo o Norte de Portugal até ao rio Douro depois de ter vencido os portugueses na Batalha de Carvalho d'Este a 20 de março de 1809. As tropas francesas avançaram até o Porto, que foi defendido pelos seus habitantes. Apesar de Soult ter conseguido o Porto depois de lutas sangrentas, ele não pôde continuar na sua via a Lisboa porque esperava outras frotas francesas da Espanha, mas em vão.⁷⁵

Quanto à defesa portuguesa, não havia quase nenhuma porque o exército português, dissolvido por Junot, restaurava-se por muito tempo e estava criado de maioria por habitantes inexperientes. Porém, em Lisboa ainda permaneceram as forças inglesas que finalmente ajudaram em derrotar as tropas francesas com Soult à testa. A 7 de maio de 1809, as forças britânicas comandadas por Wellesley iniciaram a ofensiva de Lisboa em direção ao Porto. A 12 de maio Wellesley com as tropas luso-britânicas atravessaram o rio Douro e travaram a batalha

⁷⁴ Jiří Kovařík, *Napoleonova invaze: 1807-1810: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku I]*, op. cit., pp. 218-220.

⁷⁵ Idem, *ibidem*, pp. 415-417.

decisiva, chamada a Batalha do Douro, onde as tropas anglo-portuguesas derrotaram as forças francesas que foram obrigadas a partir de Portugal e retirar-se de novo para Espanha. O território norte de Portugal foi reconquistado do domínio curto dos franceses.⁷⁶

O general Beresford, depois da partida de Soult e das tropas francesas, continuou a comandar o exército português que se encontrou em 1810 mais disciplinado e bem treinado que antes. Consequentemente, o general Wellesley teve à disposição um exército composto por cerca de 52 mil homens – soldados ingleses, espanhóis, portugueses e milícias.⁷⁷

4.4.3 Terceira invasão francesa de Portugal

Apesar de que as forças luso-britânicas tivessem derrotado as francesas e tivessem-nas expulsado de Portugal, houve em Portugal uma premonição de outra invasão das tropas napoleónicas. Por isso, em segredo, o general Wellesley em 1809 mandou fazer a construção das Linhas de Torres Vedras – três zonas defensivas orientadas este-oeste em arco à roda de Lisboa desde a desembocadura do rio Tejo até a costa atlântica e compostas por construções defensivas. As Linhas de Torres Vedras é a única construção deste tipo na Europa.

A estratégia política de Napoleão mudou-se em julho de 1809 graças à grande vitória na Batalha de Wagram sobre a Áustria, integrando-a consequente no bloco francês. Além disso, a Prússia e o Império Russo já foram neutralizados depois do Tratado de Tilsitt. Napoleão foi assegurado que tinha conseguido o domínio da Europa Central, levando-o a concentrar-se na Península Ibérica com o objetivo de liquidar definitivamente o poder da Grã-Bretanha ligado a Portugal.⁷⁸

Napoleão escolheu o marechal André Masséna para executar o plano de conquistar Portugal e derrotar a Inglaterra. Já em maio de 1810, na Espanha na cidade de Salamanca, o marechal Masséna assumiu o comando de 80 mil soldados franceses. Em agosto de 1810, eles entraram em Portugal através de Almeida, uma fortaleza fronteiriça no norte de Portugal. Os soldados luso-britânicos resistiram ao cerco francês por muito tempo mas os franceses conseguiram, a 28 de agosto, esta fortaleza graças à gigantesca explosão do paiol de pólvora no

⁷⁶ A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, op. cit., p. 578.

⁷⁷ Tereza Caillaux de Almeida, *Memória das invasões francesas em Portugal* (Lisboa: Ésquilo, 2010), p. 60.

⁷⁸ Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, vol.VII (Lisboa: Editorial Verbo, 1986), p. 76.

interior da fortaleza, que a destruiu. Os soldados luso-britânicos sobreviventes renderam-se e Almeida foi conquistada. A tomada de Almeida significou que o caminho a Portugal era livre.⁷⁹

As tropas francesas marcharam para oeste em direção a Coimbra via Viseu. Contudo, a marcha foi difícil porque as tropas francesas foram atacadas por Trant, um oficial britânico que serviu no exército português durante a Guerra Peninsular. Porém, como perderam poucos soldados, prosseguiram a sua marcha. Em Santo António do Cântaro, os franceses não puderam atravessar a montanha porque as tropas de Wellesly ofereceram uma forte resistência. Os comandantes franceses, Ney e Reynier, opuseram-se a 50 mil inimigos e estiveram dispostos a atacá-los mas Masséna rejeitou. A 20 de setembro, os franceses chegaram a Viseu, poupando tempo para reconhecer as posições inimigas. Masséna decidiu dar batalha mais tarde. Entretanto as tropas luso-britânicas dispuseram de tempo para que se organizassem quando os franceses raiaram da aurora para lançarem o ataque no dia seguinte. O terreno aí foi difícil para os franceses porque encontraram-se na Serra do Buçaco e as tropas luso-britânicas estiveram ao longo da crista das montanhas dessa serra. As forças francesas tiveram de escalar as encostas para combaterem as tropas inimigas e também tiveram de partir de um desfiladeiro onde estava a artilharia. Os homens dos generais Reynier e Loison escalaram a montanha e todo o dia tentaram conquistar a linha das forças luso-britânicas mas em vão. Nessa Batalha do Buçaco, que ocorreu a 27 de setembro de 1810, os franceses foram derrotados pelas forças luso-britânicas lideradas por Arthur Wellesley.⁸⁰

Imediatamente depois da vitória em Buçaco, Wellesley com as suas tropas partiram diretamente a Lisboa para ocuparem as posições das Linhas de Torres Vedras. O general francês Masséna com as suas tropas marcharam via Portugal com o destino de Lisboa para conquistarem a cidade. Eles atingiram as Linhas de Torres Vedras a 14 de outubro de 1810 e foram surpreendidos pelas construções das quais não souberam e nunca antes viram algo similar. Os franceses não conseguiram ultrapassar essas Linhas por cinco meses. Em março de 1811, Masséna com o seu exército faminto e doente decidiu abandonar o país porque eles não foram capazes de conquistar a capital.⁸¹ As forças francesas retiraram-se em direção a Coimbra. Foram seguidas pelo exército luso-britânico e foram vencidas no Combate de Redinha, a 12 de março 1811, e depois de três dias no Combate de Foz de Arouce. O encontro final das tropas

⁷⁹ Jiří Kovařík, *Napoleonova prohra: 1810-1814: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku II]* (Praha: Akcent, 2010), pp. 23-24.

⁸⁰ Tereza Caillaux de Almeida, *Memória das invasões francesas em Portugal*, op. cit., pp. 62, 63.

⁸¹ Jiří Kovařík, *Napoleonova prohra: 1810-1814: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku II]*, op. cit., pp. 53-55.

luso-britânicas com as francesas em Portugal ocorreu no Combate do Sabugal⁸², a 3 de abril de 1811, significando o fim da terceira invasão francesa de Portugal e a retirada das tropas francesas para Espanha.

Napoleão foi desiludido pela derrota do exército francês e por isso substituiu Masséna, que na altura estava na Espanha, pelo Marechal Marmont.⁸³

4.4.4 O Fim da Guerra Peninsular

A 2 de maio de 1811, o marechal Masséna, que ainda permanecia na Espanha, partiu de Ciudad Rodriga para atingir a fortaleza de Almeida onde ainda ficou a guarnição francesa que foi circundada pelas forças luso-britânicas. Ele quis libertá-la, vencendo os inimigos, e desejava continuar na marcha via Portugal.⁸⁴ Contudo, ele foi parado por Sir Arthur Wellesley em Fuentes de Oñor, uma vila raiana da Espanha, um campo da Batalha de Fontes de Onor, a 5 de maio de 1811. Wellesley venceu Masséna, falhando assim o seu plano de libertar Almeida.⁸⁵

Embora todas as tentativas dos franceses de conquistar Portugal tivessem fracassado, eles ainda pensaram da quarta invasão de Portugal em 1812 mas ela nunca se realizou. O fracasso dos franceses em Portugal não significou o fim da guerra no território peninsular. Eles deslocaram-se para Espanha onde a França teve as suas tropas divididas em Aragão sob o comando de Suchet, em Norte, no Centro nos arredores de Madrid, debaixo das ordens do rei José, em Andaluzia, debaixo das ordens de Soult e as tropas de Portugal agora lideradas por Marmont, em Salamanca. Não havia ninguém para unir as tropas francesas em uma força grande. Graças a isso, Wellesly à testa do exército anglo-português sumou vitória atrás de vitória através da Espanha. A 22 de julho de 1812, ele derrotou as tropas em Salamca, significando que a via à capital de Madrid foi livre. José Bonaparte, cheio de medo, abandonou a capital.

No início do ano 1813, Napoleão perdera muitos homens na Campanha Russa e forçou muitas tropas a retirar-se da Península. José comandou o resto das tropas francesas na Espanha mas cada vez mais perdia autoridade. Ademais, as forças foram perseguidas pelo

⁸² A cidade está situada perto da fronteira na província da Beira Alta.

⁸³ Tereza Caillaux de Almeida, *Memória das invasões francesas em Portugal*, op. cit., p. 64.

⁸⁴ Jiří Kovařík, *Napoleonova prohra: 1810-1814: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku II]*, op. cit., p. 76.

⁸⁵ Idem, *ibidem*, p. 93.

exército de Wellesly e por isso eles retrocederam para a França, pelos Pireneus. No dia 21 de junho de 1813 os franceses foram derrotados na Batalha de Vitória, outra vez por Sir Arthur Wellesly. A última derrota das forças francesas ocorreu já no território francês, em Toulouse a 10 de abril de 1814, significando o fim da Guerra Peninsular e até das Guerras Napoleónicas.⁸⁶

⁸⁶ João Medina, *História de Portugal*, vol.VIII (Lisboa: Ediclube, 1998), pp. 30-33.

5 As consequências da Guerra Peninsular em Portugal

5.1 O impacto económico

A presença das tropas francesas deixou Portugal em estado terrível. Depois de três invasões francesas foi necessário reconstruir as casas e as aldeias inteiras, as quais os soldados inimigos saquearam e incendiaram durante as marchas deles via Portugal. Os portugueses não foram capazes disso, eles ainda tiveram o medo de invasão nova ou de guerra. Também a produção agrícola foi afetada pela falta de força humana que foi levada pelo exército.

Além disso, Portugal perdeu receitas do Brasil, porque o mercado brasileiro foi afectado pela abertura dos seus portos aos ingleses. Os ingleses, desde 1808, dominavam o comércio de importação e de exportação no Brasil, que antes dominavam os portugueses. Como a 28 de janeiro de 1808, foi assinado entre Portugal e a Grã-Bretanha um tratado económico que se chama a Abertura dos Portos, significando a possibilidade das colônias portuguesas no continente americano de comerciar com outras nações europeias e não só com Portugal. Portugal perdeu monopólio no Brasil e a economia brasileira começou a desenvolver rapidamente, sendo melhor que em Portugal.⁸⁷

Ademais, o que arruinou a economia portuguesa foram despesas com o exército e a marinha. Em período de 1812 a 1817, essas despesas fizeram mais de 80 por cento da despesa total, significando o país gastava mais dinheiro que ganhava. Naquela época, Portugal estava à beira da bancarrota.⁸⁸

5.2 O impacto político

O que alterou muito a situação em Portugal foi a fuga da família real e da corte portuguesa para o Brasil. D. João pensava por muito tempo na transferência da família e da capital para o Brasil. Decidiu-se, porém, quando as tropas francesas dirigiram-se a Lisboa.⁸⁹ Este ato da fuga influenciou os acontecimentos em Portugal por muitos anos, mas não só em Portugal, sobretudo no Brasil.

⁸⁷ Fernando Roque Fernandes, *Abertura dos Portos*, disponível em: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/abertura-dos-portos/>, acesso em: 20.4.2018.

⁸⁸ Ana Leal de Faria, *O Reino sem Corte* (Parede: Tribuna, 2011), p. 46.

⁸⁹ José Miguel Sardica, *A Europa Napoleónica e Portugal*, op. cit., p. 102.

5.2.1 O impacto na política colonial

Graças a presença da corte real e o rei no Brasil, a posição do Brasil em relação a Portugal mudou. Tudo começou já no ano 1808 com a abertura dos portos brasileiros e culminou a 16 de dezembro de 1815, quando D. João publicou a Carta de Lei. Conforme essa Carta o Brasil tornou-se o Reino do Brasil.⁹⁰ Como foi escrito na Carta de D. João:

- I. Que desde a publicação desta Carta de Lei o Estado do Brazil seja elevado a dignidade, preeminencia e denominação de -Reino do Brazil-.
- II. Que os meus Reinos de Portugal, Algarves e Brazil formem d'ora em diante um só e unico Reino debaixo do titulo Reino Unido de Portugal e do Brazil e Algarves.⁹¹

Essa Carta significou que Portugal seria no mesmo nível político como o Brasil, que era uma colônia antigamente dependente do comércio com Portugal. Outro acontecimento importante para o Brasil foi a coroação do Príncipe Regente D. João, a 6 de fevereiro de 1818. Ele foi o primeiro rei coroado no continente americano. Ele obteve o título de Dom João VI, Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves.⁹²

5.2.2 O impacto na política interna

Por causa da ausência do rei em Portugal, onde naquela época não havia governo competente, foi criada uma junta governativa para dirigir o país, depois do fim da Guerra Peninsular em 1814. Paralelamente, o general William Carr Beresford voltou a Portugal com as suas tropas, seguindo exercer o comando-em-chefe dos exércitos e também dirigiu Portugal⁹³, significando que Portugal era uma regência subserviente perante a Inglaterra. Beresford agia como se fosse ele o próprio rei de Portugal.

Como o rei era refugiado no Brasil, Portugal não participou no Congresso de Viena que se celebrou desde maio de 1814 até junho de 1815. Esse Congresso foi uma conferência com os embaixadores das grandes potências europeias que intentaram, depois da derrota de Napoleão, retomar o modelo político que ordenava a Europa antes das guerras napoleônicas. Os participantes foram a França, a Prússia, a Rússia e a Grã-Bretanha. Depois desse Congresso,

⁹⁰ Jan Klíma, *Dějiny Brazílie* (Praha: Lidové noviny, 2011), p. 158.

⁹¹ Coleção de Leis do Império do Brasil – 1815, vol. I, p. 62, *Carta de Lei de 16 de Dezembro de 1815*, disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/carlei/antioresa1824/cartadelei-39554-16-dezembro-1815-569929-publicacaooriginal-93095-pe.html>, acesso em: 20.04.2018.

⁹² O Brasil ganhou a sua independência no ano 1822.

⁹³ Até a sua partida em 1821.

os espanhóis tiveram de devolver o território de Olivença a Portugal, mas isto não aconteceu até hoje em dia.

A autoridade do Governo em Portugal foi enfraquecida e os habitantes começaram a ser insatisfeitos com a ausência do Rei D. João VI. Foram insatisfeitos, também, com a situação política em Portugal, *os afrancesados* ainda são perseguidos. Em março de 1820, Beresford partiu para o Brasil para recolher um soldo. Além disso, ele preveu o perigo liberal e desejou conseguir a maior competência do Rei para reorganização do exército. Contudo, por causa da ausência de Beresford e da instabilidade política no país, em 1820 no Porto, começou uma revolução liberal.⁹⁴ Por causa da luta pelo poder em Portugal, o Rei D. João VI regressou do Brasil. Os liberais expulsaram Beresford e os ingleses do país para recuperarem a soberania de Portugal.

Durante a Revolução liberal os liberais exigiram uma constituição. Em 1822, trinta e um anos depois de primeira Constituição francesa, foi aprovada a Constituição portuguesa. Essa Constituição é o mais antigo texto constitucional português, significando que Portugal tornou uma monarquia constitucional. Essa Constituição definiu os direitos e deveres dos portugueses e comprometeu-se a manter a liberdade e a propriedade. Além disso, o poder foi separado em poder legislativo, executivo e judicial.

A revolução, porém, não acabou com a elaboração da Constituição e seguiu depois da morte do Rei em 1826. Desde a morte do rei D. João VI os seus dois filhos, D. Pedro e D. Miguel, confrontaram-se numa guerra civil, que durou catorze anos, e lutaram sobre o poder no país. D. Pedro defendeu o liberalismo mas o seu irmão defendeu o absolutismo. Aqui podemos ver a influência da França e a sua Revolução que funcionou como um motor da revolta. Ambas revoluções, francesa e portuguesa, basearam-se principalmente na ideologia das Luzes.⁹⁵

⁹⁴ Jan Klíma, *Dějiny Brazílie*, op. cit., pp. 164-165.

⁹⁵ Tereza Caillaux de Almeida, *Memória das invasões francesas em Portugal*, op. cit., p. 74.

Conclusão

Revolução Francesa e a presença das tropas napoleónicas em Portugal é um acontecimento muito importante no contexto histórico de Portugal.

É discutível se a Revolução Francesa, que iniciou no ano 1789, teve grande impacto em Portugal. Primeiro, é claro que o seu impacto é antes indireto, significando que Napoleão Bonaparte tomou o poder. Segundo, a primeira constituição francesa aprovada durante a revolução francesa foi o modelo da primeira constituição portuguesa criada em 1822 pelos liberais portugueses durante a revolução liberal.

Quanto ao impacto da presença das tropas napoleónicas em Portugal, chegámos à conclusão que o impacto durou mais tempo e influenciou Portugal por muitos anos. O papel mais importante teve a marcha das tropas napoleónicas a Portugal, causando que no início da guerra peninsular a família real fugiu para a colónia portuguesa economicamente mais importante, que era o Brasil. O acto da fuga e a ausência do rei em Portugal levou à instabilidade política e social. Como o rei não voltou depois do fim da guerra peninsular, o país foi em vez dele dirigido pelo comandante inglês William Carr Beresford, significando que Portugal foi subserviente perante outro país. Tudo isto culminou com a perda da colónia portuguesa maior e mais próspera, acabando nos anos vinte do século XIX com a revolução liberal que levou à declaração da primeira constituição portuguesa, significando o fim do absolutismo e o começo da monarquia constitucional em Portugal.

Resumo em checo

Tato bakalářská práce se zabývá vlivem Velké francouzské revoluce na Portugalsko a také tím, jaký vliv na něj měla přítomnost napoleonských vojsk. Velká francouzská revoluce, která vypukla v roce 1789, ovlivnila nejen Francii, ale i celou Evropu, kde na konci 18. století převládal absolutistický systém vlády.

Práce shrnuje hlavní myšlenky a průběh velké francouzské revoluce. Ovšem nejdůležitější pro nás, jak už napovídá název této bakalářské práce, je fakt, jak se velká francouzská revoluce promítla na politickou situaci v Portugalsku, kde na konci 18. století převládal absolutistický režim, kterému vládla královna Marie I. Všechny poznatky získané během vypracování této práce vedly k závěru, že samotná velká francouzská revoluce neměla přímý dopad na Portugalsko. Až v roce 1822 si portugalská liberální vláda vymohli ústavu, která se inspirovala právě v té francouzské z roku 1791.

Samozřejmě nesmíme opomenout ten fakt, že velká francouzská revoluce zapříčinila, že se k moci dostal Napoleon Bonaparte, který výrazně ovlivnil Portugalsko v 19. století jak po stránce ekonomické tak i politické na spoustu let. A to především tím, že Portugalsko muselo v letech 1807-1814 čelit třem invazím napoleonských vojsk, před kterými uprchl král i s královským dvorem do Brazílie a ani po skončení napoleonských válek se nevrátil do Portugalska.

Všechny tyto události vyústily ztrátou ekonomicky nejdůležitější portugalské kolonie, tj. Brazílie. Dále se Portugalsko ocitlo pod vedením britského generála, což vedlo k nespokojenosti portugalského lidu, který pomocí liberální revoluce ve dvacátých letech 19. století získal svoji první ústavu, která znamenala konec absolutismu a začátek konstituční monarchie v Portugalsku.

Bibliografia

- BINKOVÁ, Simona. *Portugalsko*. Praha: Libri, 2004.
- DA MOTA, Isabel Ferreira. *D. Maria I*. Matosinhos: QuidNovi, 2009.
- DE ALMEIDA, Tereza Caillaux. *Memória das invasões francesas em Portugal*. Lisboa: Ésquilo, 2010.
- DE FARIA, Ana Leal. *O Reino sem Corte: 1807-1821*. Parede: Tribuna, 2011.
- DE MACEDO, Jorge Borges. *O Bloqueio Continental*. Lisboa: Gradiva, 1990.
- FERRO, Marc. *Dějiny Francie*. Praha: Lidové noviny, 2006.
- KLÍMA, Jan. *Dějiny Brazílie*. Praha: Lidové noviny, 2011.
- KLÍMA, Jan. *Dějiny Portugalska*. Praha: Lidové noviny, 2007.
- KOVAŘÍK, Jiří. *Napoleon. I. část, Generál Bonaparte (1769-1804)*. Třebíč: Akcent, 2017.
- KOVAŘÍK, Jiří. *Napoleonova invaze: 1807-1810: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku I]*. Třebíč: Akcent, 2010.
- KOVAŘÍK, Jiří. *Napoleonova prohra: 1810-1814: [poloostrovní válka ve Španělsku a Portugalsku II]*. Třebíč: Akcent, 2010.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Edições Ágora, 1973.
- MEDINA, João. *História de Portugal: Dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Vol. VIII. Lisboa: Ediclube, 1998.
- POLIŠENSKÝ, Josef et. BARTEČEK, Ivo. *Dějiny Iberského poloostrova: (do přelomu 19. a 20. století)*. Olomouc: Univerzita Palackého v Olomouci, 2002.
- RAPPORT, Michael. *Evropa devatenáctého století*. Praha: Nakladatelství Vyšehrad, 2011.
- SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 24.^a edição. Lisboa: Publicações Europa-América, 2007.
- SARAIVA, José Hermano. *História de Portugal: 1640 – Actualidad*. Vol. III. Lisboa: Publicações Alfa, 1983.
- SARDICA, José Miguel. *A Europa Napoleónica e Portugal*. Parede: Tribuna, 2011.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Vol.VI. Lisboa: Editorial Verbo, 1992.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal: A instauração do liberalismo (1807-1832)*. Vol. VII. Lisboa: Editorial Verbo, 1986.

SILBERT, Albert. *Do Portugal de antigo regime ao Portugal oitocentista*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

TINKOVÁ, Daniela. *Francouzská revoluce*. Praha: Triton, 2008.

Webgrafia

<https://zpravy.aktualne.cz/zahranici/fakta-zruseni-otroctvi-v-jednotlivych-zemich/r~i:article:491522/>, (acesso em 21.3.2017).

https://www.senat.fr/lng/pt/declaration_droits_homme.html (acesso em 1.3.2018).

FERNANDES, Fernando Roque. *Abertura dos Portos*. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/abertura-dos-portos/>, (acesso em 20.4.2018).

Coleção de Leis do Império do Brasil – 1815. Vol. I, p. 62, Carta de Lei de 16 de Dezembro de 1815, disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/carlei/antioresa1824/cartadelei-39554-16-dezembro-1815-569929-publicacaooriginal-93095-pe.html>, (acesso em 20.04.2018).

Anotação em português

Autor:	Ivana Stratilová
Departamento e Faculdade:	Departamento das Línguas Românicas, Faculdade de Letras
Título da tese:	O Impacto da Revolução Francesa e da presença das tropas napoleónicas em Portugal
Orientador da tese:	Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.
Número de caracteres:	81 196
Número de anexos:	0
Número de referências bibliográficas:	26
Palavras-chave:	Revolução francesa, Napoleão Bonaparte, Maria I, Península Ibérica, guerras napoleónicas, Portugal, bloqueio continental, Guerra das Laranjas, João VI, guerra peninsular
Caracterização breve da tese:	Esta tese de licenciatura solve na sua primeira parte a origem da Revolução Francesa. Além disso, solve especialmente as consequências e o impacto da revolução em Portugal. Depois, se fala de Napoleão Bonaparte e como as campanhas dele influenciaram Portugal, especialmente a presença das tropas napoleónicas no território português. Esta presença deixou em Portugal as consequências principalmente económicas e políticas. Das quais a mais significativa foi a revolução liberal que levou à declaração da primeira constituição portuguesa que teve o modelo na primeira constituição francesa. A aprovação da constituição causou o fim do absolutismo, significando o começo da monarquia constitucional.

Anotação em inglês

Author:	Ivana Stratilová
Faculty, department:	Faculty of Art, Department of Romance Languages
Title:	The Impact of the French Revolution and the Presence of the Napoleonic Troops on Portugal
Supervisor:	Mgr. Petra Svobodová, Ph.D.
Number of characters:	81 196
Number of appendices:	0
Number of bibliographical references:	26
Key Words:	French Revolution, Napoleon Bonaparte, Maria I, Iberian Peninsula, Napoleonic Wars, Portugal, Continental System, War of the Oranges, John VI, Peninsular War
Brief characteristics of thesis:	This bachelor thesis concerns the origin of the French Revolution. Moreover, it solves the consequences and the impact of the revolution on Portugal. In addition, is discussed the phenomenon Napoleon Bonaparte and how did his campaigns influence Portugal, especially what caused the presence of the Napoleonic troops in the Portuguese territory. This event left on Portugal mainly the economic and political consequences. One of the most significant was the liberal revolution, which brought the first Portuguese Constitution that had the model in the first French Constitution. The declaration of the Portuguese Constitution led to the end of Absolutism and new regime called Constitutional Monarchy started.

Univerzita Palackého v Olomouci

Filozofická fakulta

Akademický rok: 2016/2017

Obor v rámci kterého má být VŠKP vypracována: Portugalská filologie

Studijní program: Filologie

Forma: Prezenční

Obor/komb.: Španělská filologie - Portugalská filologie (ŠF-PO)

Podklad pro zadání BAKALÁŘSKÉ práce studenta

PŘEDKLÁDÁ:	ADRESA	OSOBNÍ ČÍSLO
STRATILOVÁ Ivana	Jiráskova 459, Náměšť na Hané	F15217

TÉMA ČESKY:

Francouzská přítomnost v Portugalsku během napoleonských válek

TÉMA ANGLICKY:

French presence in Portugal during the Napoleonic wars

VEDOUcí PRÁCE:

Mgr. Petra Svobodová, Ph.D. - KRP

ZÁSADY PRO VYPRACOVÁNÍ:

1. Kontext napoleonských válek
2. Příchod francouzských vojsk do Portugalska
3. Francouzské působení v Portugalsku
4. Výhody a nevýhody francouzského působení

SEZNAM DOPORUČENÉ LITERATURY:

Klíma, J.: Dějiny Portugalska
Mattoso, José: História de Portugal
Sardica, J. M.: A Europa napoleónica e Portugal

Podpis studenta:



Datum:

14.5.2018

Podpis vedoucího práce:



Datum:

14.5.2018